



Petróleo fecha dia com preço negativo

Das agências

REPORTAGEM
redacao@correio24horas.com.br

Produto tem aumento de produção e queda de procura

Pela primeira vez na história, o preço do petróleo negociado nos Estados Unidos fechou com valor negativo, refletindo a forte contração da atividade econômica e o excesso de estoques do produto provocado pela pandemia do novo coronavírus. Os contratos para entrega em maio do óleo tipo WTI - referência no mercado americano - desabaram ontem 305,9% na Bolsa de Nova York e fecharam cotados a US\$ 37,63 negativos. Ainda na Bolsa, os contratos para junho foram negociados a cerca de US\$ 20 o barril, o que representou uma queda de 18,40%. Já o óleo Brent, em Londres, também para entrega em junho, encerrou o dia em baixa de 8,94%, a US\$ 25,57 o barril. No mercado futuro, o investidor coloca dinheiro em títulos de empresas petrolíferas com a garantia de que, em poucos meses, vai poder re-

ceber o petróleo pelo qual pagou. Se a commodity estiver em alta, esse investidor pode revender o título a terceiros a um valor mais alto do que pagou inicialmente por ele.

Ontem, porém, os investidores não só não acharam novos interessados pelos papéis como também preferiram morrer com o título na mão, em vez de resgatar o petróleo pelo qual teriam direito. Do contrário, precisariam arcar com prejuízo ainda maior por conta do custo extra de armazenamento.

PERSPECTIVA

Para Edmar Almeida, professor do Instituto de Economia da UFRIJ e pesquisador do Instituto de Energia da PUC (Iepuc), o mercado futuro deve conviver por mais quatro meses com a desvalorização da commodity e, até mesmo, com a negociação de novos contratos a preços negativos. "Os EUA são a vítima da crise que provocaram, ao reduzir os custos de produção e encher o mercado de petróleo, gerando um desequilíbrio entre oferta e demanda", diz ele, acrescentando que a única solução é fechar poços produtores.

A visão do economista e coordenador técnico do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo e Gás (Inesp), Rodrigo Leão, é de que a China

também contribui com a queda abrupta da cotação do petróleo e que não deve ajudar na recuperação tão cedo. O especialista argumenta que o país asiático aumentou a importação no mês passado para ampliar seu estoque e a expectativa é que não volte às compras no mês que vem.

ACORDO

Além do excesso de estoque, os especialistas dizem que a queda de preços nos EUA também reflete outro fator: a avaliação de que o acordo anunciado há cerca de duas semanas pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo e aliados (Opep+) para cortar a produção em 9,7 milhões de barris por dia foi insuficiente para elevar os preços da commodity.

Visto inicialmente como positivo, o corte equivale a 10% da oferta global. A própria Opep admite que a demanda pelo produto deve cair em 6,8 milhões de barris por dia até o fim do ano.

305,9

por cento foi a queda registrada ontem no preço do barril m Nova York

ENTENDA A BAIXA HISTÓRICA

O preço na cotação do produto caiu fortemente nas duas principais bolsas de valores do mundo, Nova York e Londres

A queda se deu nos contratos de entrega do óleo para os meses de maio e junho

É que neste mercado o investidor compra um título de uma petroleira que lhe retornará em barril de óleo. Os investidores podem ficar com o produto ou revender o título para quem de fato quer o óleo e com isso ter lucro

A crise provocada pelo coronavírus fez a demanda por petróleo cair em todo o mundo. Mas a produção vinha aumentando, fazendo com que os produtores estocassem o óleo

Ontem, as empresas indicavam não ter para quem vender, nem onde estocar o produto

Cenário se completa com a desconfiança de que acordo para diminuir a produção mundial de petróleo não sera cumprido.

Sindicato diz que Petrobras vai demitir na Bahia

Atingida pela crise, a Petrobras vai hibernar cinco campos maduros de produção de petróleo na Bahia. Segundo um levantamento feito pelo Sindicato dos Petroleiros no estado (Sindipetro) junto a gerentes das unidades baianas, a estatal deve suspender as atividades dos campos localizados nos municípios de Candéias, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Pojuca e Catu, provocando a demissão de até 2 mil trabalhadores terceirizados e a transferência de 300 funcionários concursados da estatal.

A Petrobras foi procurada pelo CORREIO para responder à denúncia do sindicato. A assessoria da empresa na Bahia, contudo, disse que o posicionamento da estatal estava em um link em sua página na internet. O texto não cita o caso dos campos maduros baianos, tratando apenas da hibernação de 60 plataformas em campos de águas rasas nas bacias de Campos, Sergipe, Potiguar e Ceará. A estatal justifica que essas hibernações são para preservar os empregos e a sustentabilidade da empresa neste momento.

O CORREIO conversou com um operador de uma das plantas da Petrobras na Bahia que já recebeu a notificação de transferência. Segundo ele, que preferiu não se identificar, o que mais o preocupa é o medo de ser demitido, visto que deve se apresentar em outra unidade da empresa no país que também está em situação de desinvestimento.

"O meu medo agora é esse. A sensação é que a unidade vai ser vendida comigo dentro. Fiz concurso, estudei e me preparei para entrar na Petrobras. Estou decepcionado com a empresa que sempre defendi e dei o meu sangue. Me sinto traído. Nem pude escolher a vaga, nem o local. Simplesmente chegou um e-mail dizendo que eu tinha que me apresentar em outra unidade. Não pode trocar, permitir, nem desistir", conta.

O coordenador do grupo de trabalho de Petróleo e Gás da Federação das Indústrias da Bahia (Fiebh), Roberto Fiammenghi, reconhece o impacto da redução da operação dos campos maduros da Petrobras na Bahia, que deve reduzir a arrecadação e provocar desemprego. No entanto, ele diz que a concessão desses poços à iniciativa privada pode, a longo prazo, reverter essas perdas.

PRISCILA MATIVIDADE



Petróleo fecha dia com preço negativo

Das agências
REPORTAGEM
redacao@correio24horas.com.br

Produto tem aumento de produção e queda de procura

Pela primeira vez na história, o preço do petróleo negociado nos Estados Unidos fechou com valor negativo, refletindo a forte contração da atividade econômica e o excesso de estoques do produto provocado pela pandemia do novo coronavírus. Os contratos para entrega em maio do óleo tipo WTI - referência no mercado americano - desabaram ontem 305,9% na Bolsa de Nova York e fecharam cotados a US\$ 37,63 negativos. Ainda na Bolsa, os contratos para junho foram negociados a cerca de US\$ 20 o barril, o que representou uma queda de 18,40%. Já o óleo Brent, em Londres, também para entrega em junho, encerrou o dia em baixa de 8,94%, a US\$ 25,57 o barril. No mercado futuro, o investidor coloca dinheiro em títulos de empresas petrolíferas com a garantia de que, em poucos meses, vai poder re-

ENTENDA A BAIXA HISTÓRICA

O preço na cotação do produto caiu fortemente nas duas principais bolsas de valores do mundo, Nova York e Londres

A queda se deu nos contratos de entrega do óleo para os meses de maio e junho

É que neste mercado o investidor compra um título de uma petroleira que lhe retornará em barril de óleo. Os investidores podem ficar com o produto ou revender o título para quem de fato quer o óleo e com isso ter lucro

A crise provocada pelo coronavírus fez a demanda por petróleo cair em todo o mundo. Mas a produção vinha aumentando, fazendo com que os produtores estocassem o óleo

Ontem, as empresas indicavam não ter para quem vender, nem onde estocar o produto

Cenário se completa com a desconfiança de que acordo para diminuir a produção mundial de petróleo não sera cumprido.

305,9

por cento foi a queda registrada ontem no preço do barril m Nova York

Sindicato diz que Petrobras vai demitir na Bahia

Atingida pela crise, a Petrobras vai hibernar cinco campos maduros de produção de petróleo na Bahia. Segundo um levantamento feito pelo Sindicato dos Petroleiros no estado (Sindipetro) junto a gerentes das unidades baianas, a estatal deve suspender as atividades dos campos localizados nos municípios de Candéias, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Pojuca e Catu, provocando a demissão de até 2 mil trabalhadores terceirizados e a transferência de 300 funcionários concursados da estatal.

A Petrobras foi procurada pelo CORREIO para responder à denúncia do sindicato. A assessoria da empresa na Bahia, contudo, disse que o posicionamento da estatal estava em um link em sua página na internet. O texto não cita o caso dos campos maduros baianos, tratando apenas da hibernação de 60 plataformas em campos de águas rasas nas bacias de Campos, Sergipe, Potiguar e Ceará. A estatal justifica que essas hibernações são para preservar os empregos e a sustentabilidade da empresa neste momento.

O CORREIO conversou com um operador de uma das plantas da Petrobras na Bahia que já recebeu a notificação de transferência. Segundo ele, que preferiu não se identificar, o que mais o preocupa é o medo de ser demitido, visto que deve se apresentar em outra unidade da empresa no país que também está em situação de desinvestimento.

"O meu medo agora é esse. A sensação é que a unidade vai ser vendida comigo dentro. Fiz concurso, estudei e me preparei para entrar na Petrobras. Estou decepcionado com a empresa que sempre defendi e dei o meu sangue. Me sinto traído. Nem pude escolher a vaga, nem o local. Simplesmente chegou um e-mail dizendo que eu tinha que me apresentar em outra unidade. Não pode trocar, permitir, nem desistir", conta.

O coordenador do grupo de trabalho de Petróleo e Gás da Federação das Indústrias da Bahia (Fiebh), Roberto Fiammenghi, reconhece o impacto da redução da operação dos campos maduros da Petrobras na Bahia, que deve reduzir a arrecadação e provocar desemprego. No entanto, ele diz que a concessão desses poços à iniciativa privada pode, a longo prazo, reverter essas perdas.

PRISCILA MATIVIDADE